

Professor homem invade reduto feminino no ensino

Em Santos, eles são apenas 19. **A-9**

Educação também deve ser coisa deles

Mulheres ainda são maioria no Ensino Básico

TATIANE CALIXTO
DA REDAÇÃO

Na pré-escola e nos primeiros anos do Ensino Fundamental, quantos professores homens você teve? Caso a resposta tenha sido diferente de “nenhum”, é bem provável que sobrem dedos de uma mão para contabilizar.

Se a educação básica é um reduto de professoras, na Educação Infantil e início do Ensino Fundamental a presença delas é ainda mais marcante. Porém, em uma sociedade que começa a cobrar dos homens divisão de tarefas e um olhar mais atento à educação dos filhos, eles precisam vencer estigmas na sala de aula, evidenciando o quanto o ato de educar e cuidar das crianças ainda está atrelado à mulher.

Enivaldo Silva, de 40 anos, começou a vida profissional como comerciante. Ao passar em um concurso público, tinha certeza absoluta de que atuaria como inspetor de alunos, colocando ordem no recreio. Enganou-se. O trabalho era como auxiliar de professor na creche, educando e cuidando das crianças. Apesar de gostar da atividade, ele ficou indeciso. Por via das dúvidas, manteve-se também no emprego anterior.

“Minha dúvida não era porque não gostava do que fazia.

Mas eu me sentia um peixe fora d'água. Existia um certo preconceito, e até eu, comigo mesmo, me sentia incomodado. A sociedade quer um homem que cuida dos filhos, mas, na prática, os olhares nos corredores me questionavam”.

ACEITAÇÃO

O amor pela profissão, no entanto, fez Enivaldo seguir em frente. Fez Magistério e também Logística, por garantia, até que aceitou que gostava do que fazia e que fazia bem.

“A gente conta muito com a parceria da direção. Hoje, eu gosto e aceito muito bem meu trabalho. Faço cursos porque quero sempre melhorar”, conta. Enivaldo diz que ainda enxerga alguns olhares carregados de preconceito, mas garante que o melhor remédio para desmistificar essa ideia de que homem não pode ser professor na Educação Infantil e nas séries iniciais é trabalho e conversa, principalmente com os pais.

“Nas minhas primeiras reuniões, eu converso bastante com os pais. Explico como trabalho, faço roda de leitura, como se estivesse com as crianças. Isso ajuda. Quanto às crianças, com elas é mais tranquilo. Elas têm menos pré-conceitos”, diz o professor, que hoje



Enivaldo em sala de aula: nas primeiras reuniões, conversa bastante com os pais e explica o trabalho



Henrique se inspirou na mãe, também professora, e fez Magistério

dá aulas na rede municipal de Santos.

A rede municipal santista, aliás, conta atualmente com 1.812 professoras em classes com crianças menores de 10 anos. Em contrapartida, o número de homens é de apenas 19. Em Itanhaém, por exemplo, em toda a educação básica, há 484 professoras e 19 professores.

AUMENTO

De acordo com dados do Censo Escolar 2016, na creche (de 0 a 3 anos), a presença de professores, no País, é de 2,3% do total de docentes. Na pré-escola (4 e 5 anos), sobe para 4,8%. Nos anos iniciais do Fundamental (1º ao 5º), a taxa é de 10,7% e nos finais (do 6º ao 9º ano), o índice é bem maior: 30,4% do total.

Henrique da Silva Ribeiro, de 40 anos, inspirou-se no exemplo da mãe, professora. Depois de descartar a Medicina Veterinária e a atuação no Corpo de Bombeiros, profissões sonhadas quando criança, fez Magistério ainda bem jovem. “Começo de ano é sempre um momento de estranhamento”, conta ele, que atua em redes municipais no Fundamental I e no Maternal.

“Os pais, principalmente dos mais pequenos, que demandam cuidado com fralda e banho, se preocupam mais. Mas a gente toma uma série de precauções e conversa bastante para mostrar que o professor é um profissional”, explica. Para ele, existe um lado ainda mais saudável, que é quando as crianças percebem que o ‘tio Henrique’ é igual e colabora como as outras tias. “Isso ajuda a sociedade que queremos, mais igual”.

E apesar dos questionamentos sobre escolher uma profissão que é dominada por mulheres, Henrique tem um sentimento bem claro: “É a profissão que eu gosto. E eu tive muita sorte, porque isso me faz feliz”.

INCÔMODO

“Minha dúvida não era porque não gostava do que fazia. Mas eu me sentia um peixe fora d'água. Existia um certo preconceito, e até eu, comigo mesmo, me sentia incomodado. A sociedade quer um homem que cuida dos filhos, mas, na prática, os olhares nos corredores me questionavam”

Enivaldo Silva
professor



CONTEXTO

Em um artigo sobre o assunto, o professor Cassio Ricardo Fares Riedo, doutorando no Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Superior (Gepes) da Faculdade de

Educação na **Universidade de Campinas (Unicamp)**, faz uma relação do início da supremacia feminina nos primeiros anos de escolarização com os valores de uma sociedade patriarcal.

“O papel desempenhado enquanto professora era principalmente a maternagem, que, de modo até estereotipado, exigia paciência, meiguice, doçura e bondade. Era uma forma de emprego que não maculava a reputação, por não se expor ao contato com estranhos do sexo oposto, o que facilitou o ingresso das moças da pequena burguesia na atividade docente. A busca pela profissão, intimamente relacionada à representação dos papéis que a mulher desempenhava na sociedade enquanto mãe e esposa, possibilitava a integração entre os papéis domésticos e profissionais, ressaltando a importância da docência exercida pelas mulheres”.